

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 8 | Nº 24 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5709530>



FANTASMAS RECUANDO-SE: A RETENÇÃO TEMPORAL EM MINKOWSKI

Caio César Costa Santos¹

Resumo

Este ensaio tenta explicar em linhas gerais a noção de retenção temporal em Minkowski. O título “fantasmas recuando-se” expressa exatamente o fluir dos estados temporais sucintos e efêmeros da retenção. A metodologia é de base crítico-reflexiva. Concluímos que o tempo vivido para Minkowski só se torna vivente graças ao poder da retenção.

Palavras chave: Minkowski. Retenção. Tempo.

Abstract

This essay tries to explain in general terms Minkowski's notion of temporal retention. The title “ghosts retreating” expresses exactly the flow of the succinct and ephemeral temporal states of retention. The methodology is critical-reflective. We conclude that lived time for Minkowski, only becomes alive through the power of retention.

Keywords: Minkowski. Retention. Time.

O tempo nunca falha. Já as sínteses temporais falham (e aí está o seu elevado efeito). O tempo, este grandioso mestre, vive em toda atmosfera, em todo resto, em todo ser vivo, até no nada. Poderia dizer que o tempo, acima do espaço, sobrevive ao nada (porque o espaço é marcadamente geométrico, ele precisa de um “lugar” e o “lugar” no nada não é “lugar”, mas puro nada, vazio). Por isto, ele, o tempo, nunca falha, nunca deixa de correr, nunca extingue o seu acesso e retrocesso em nenhum momento. No entanto, cabe-nos, agora, nos ater à morada do ser, unicamente. Com este corte temporal, nos inserimos no que é humano, na subjetividade temporal: no ser-sendo-ele-mesmo. Para isto, este ensaio recobre em linhas gerais a teoria do tempo vivido de Minkowski, mais particularmente à interpretação do quadro temporal da *retenção* pronunciada por este filósofo. Minkowski, junto a Binswanger, dão origem ao que ficou conhecida como a “psicopatologia fenomenológica” que nada mais é, em termos gerais, a teoria das vivências dos atos de consciência de sujeitos patológicos. Embebidos pela fenomenologia husserliana, estes dois pensadores dão asas à sua pura imaginação ao tentar interpretar os “fantasmas” que uma hora ou outra “atormentam” a psique daqueles sujeitos. Estes próprios “fantasmas” passam a ter vida *temporalmente* em carne e osso com o suceder das retenções. Frisemos neste termo “retenção”, pois ele será agora nosso principal objeto de análise. Para esta tarefa, nos concentremos no primeiro capítulo da obra *Le Temps Vécu* de Minkowski publicado originalmente em 1933.

¹ Psicanalista e especialista em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: cesarinmind@gmail.com



Para nosso fim, não abordaremos o texto em sua totalidade, mas apenas fragmentos que atestam o aparecimento sobre o problema da retenção. No entanto, a perspectiva geral deste texto de Minkowski é a de que temos a ideia de que a vida é um turbilhão, um curso violento de uma sucessão perpétua, que não oferece “à nossa necessidade de refletir e de meditar qualquer ponto de apoio, mesmo que pouco estável” (MINKOWSKI, 2011 [1933], p. 88). A ideia central do pensamento de Minkowski é de que nenhum ser vivo é capaz de “parar” o tempo e de que, mesmo no transcorrer do tempo, apesar de sentirmos e percebermos sua duração, não encontramos espaço para refletir verdadeiramente sobre sua passagem (BERGSON, 2010; 2019). No entanto, esta tarefa é evidente em poucos espíritos. Em outras palavras, no turbilhão que é a vida, ninguém “para” para observar e refletir sobre a passagem do tempo (e o mesmo se poderia dizer do espaço). E mesmo ainda ao observar as horas no relógio, quase ninguém para refletir sobre o escoamento do tempo abstratamente (DELEUZE, 2018). Em novas palavras, quase ninguém para olhar como espectadores este fluir (salvo alguns momentos de devaneio ao se admirar, por exemplo, com uma paisagem). Evitemos agora as relações sociais e passemos de fato à teoria em questão.

Inicialmente, somos como que carregados a todo instante de sensações e representações. Segundo Ziehen *apud* Minkowski (2011 [1933], p. 88), “cada pensamento relativo às nossas representações já é uma nova representação, desde que acreditamos ter agarrado o momento A, já estamos no momento B”. É natural fazermos deslizar mentalmente com uma velocidade infinitesimal os instantes que se sucedem, mas não é natural para a ação humana descrever estes instantes partindo-se dos dados imediatos da consciência. Não é natural e não é comum. Comumente, não vemos de modo consciente o tempo passar e muito menos sua sucessão e sua duração. No entanto, esta sucessão e esta duração estão tão próximas de nós (elas são nós) que nem tomamos conta nem mesmo de seu aparecimento. Não percebemos, mas o tempo corre e perpassa de abstração à abstração, “tocando” também o concreto, mas de um modo imperceptível. Com o fluir destas abstrações temporais, o tempo parece “tocar” a existência anímica (e humana) partindo-se e alimentando-se de representações. O próprio “representar alguma coisa” contém o germe do tempo (bem como do espaço) (HUSSERL, 2016). O tempo vivido faz “tocar” inicialmente a superfície de nossas representações quando atualiza, recua, projeta, enfim, quando se mostra. A textura do tempo vivido contém puramente representações (representações de sensações, representações de sentimentos, representações de atos ou pensamentos, etc.) e sua ação fantasmagórica não é outra senão *representar representações* (HUSSERL, 1994).

O tempo representa, rerepresenta. Seria o tempo vivido a origem de minha representação ou também uma pura representação de algo ainda mais misterioso e desconhecido? Em outras palavras, seria o tempo vivido propriamente uma retenção de algo ainda maior, de algo mais primitivo que o



próprio tempo? De todas as manifestações da vida, o tempo é aquela cuja qual está mais próxima de nós; (...) “meu eu parece se ajustar nele [o tempo] inteiramente sem que por isso eu prove um sentimento de espera” (MINKOWSKI, 2011 [1933], p. 89). O tempo vivido me invade sem ao menos eu dar acesso a ele, desde a criação por nossos pais dos espermatozóides de mim mesmo, o tempo vivido está agindo e ainda se quiséssemos pensar metafisicamente da criação de “minha luz” por Deus antes mesmo do encontro dos meus pais. Isto só para pensar que o mundo (objetivo e subjetivo) é criado a partir de uma série de retenções *ad infinitum*. Toda síntese temporal advém de uma retenção. Toda a criação material, mental ou espiritual advém de retenções, de tempos já vividos em um momento ou em outro momento. A natureza temporal é ser retenções. Minkowski (2011, [1933], p. 93) afirma: “se, por um ato suplementar, tento fixar, representar-me seja uma duração vivida, seja uma sucessão, estas, em razão de sua mobilidade, em razão de seu caráter temporal, se enfraquecem nesta tentativa”. Não há como fixar-se no tempo ou fixar o tempo, seria o mesmo que tentar congelá-lo. As exigências do ser podem até fazer formar sínteses temporais partindo-se de representações, mas é o próprio tempo no tempo vivido que faz brotar esta passagem, esta sucessão de modo solitário. O próprio fato de ter alguma coisa em minha mente, em minhas sensações, não provoca uma continuidade temporal a mercê do tempo originário. Para a sucessão e a retenção ser ela mesma, antes de qualquer sobreposição ou aparecimento do conteúdo psíquico, é o tempo em seu sentido originário que além de formar este conteúdo, *faz passar* psiquicamente. Antes da própria sucessão e conseqüente retenção ou vice-versa, o tempo originário aparece necessariamente como um *fantasma*.

Diz Minkowski (2011 [1933], p. 94), “tentando assim reproduzir uma sucessão passada, nada mais fácil que reviver uma sucessão nova, quantas vezes quisermos”. Na tentativa de *reviver* ou *reproduzir* uma sucessão passada, o tempo, neste curso, já entreabriu, logo, neste caso, na equivalência da sucessão passada, se mesclam a sensação anterior desta sucessão passada, a sucessão do fato de *pensar* aquela sucessão e ainda a sucessão do agora-que-passou. Este é um dos modos que mostram o nascer da imagem da retenção contínua, ou seja, da continuidade movente do tempo. E Minkowski (2011 [1933], p. 94) continua: “nós não temos a continuidade estabelecida diante de nós, não, nós temos diante de nós o tempo que se perpetua e se renova continuamente em seus elementos”. Quando me dou em pensamento uma sucessão que se renova, neste intervalo de modo abstrato, já se passaram a sucessão do meu pensamento que pensa tal sucessão, a sucessão da sucessão “primitiva”, bem como a sucessão que agora me passa como nova atualidade. A continuidade destas sucessões se passa ilusoriamente como uma totalidade homogênea, por isso nunca percebemos o fluir do devir. Vamos imaginar apenas um objeto que passa do instante A para o instante B. Durante a sucessão de A para B, é preciso ter em mente primeiramente e conscientemente que o instante B formou-se a partir do instante A. Porém, em



contrapartida, antes do instante A há um outro instante possivelmente conhecido por mim que é o instante ilusoriamente presente que sinaliza a existência provisória e fantasmal do objeto. Antes mesmo dos instantes A e B, há um instante X que é o fluir do próprio aparecimento do objeto diante os meus olhos. Ou seja, da retenção do instante A se formou o instante X e do instante X se formou antecipadamente, mas que não está saliente agora em minha memória, o instante X°. Ou seja, deste X° formou-se apenas ou tenho em mim fantasmagoricamente apenas uma *imagem* de sua retenção primária.

Esta imagem fantasmal de X° é a retenção da sucessão anterior à sucessão corrente do objeto que é X. Em outros termos, X° é o produto da imagem fantasmal de X (o objeto em sua totalidade efêmera). X, ou seja, o objeto visível e que passa contém a continuidade anterior e posterior, a retenção e a sucessão. Poderíamos dizer que X, o objeto, de modo efêmero e grotesco, é a única realidade mais fixamente apreensível por ter em seu entorno o objeto ele mesmo, sua superfície e qualidade substancial. Com isto não estamos dizendo que X é o ponto temporal originário, mas que X seria a força menos abstrata que está antes e depois do aparecimento fantasmal das sucessões e demais retenções. Por trás de X, há uma serie de fantasmas temporais *recuando-se* para se sucederem e assim *ad infinitum*. Para o suceder de X, há a força fantasmal de X° e para esta a força fantasmal X¹ e assim *ad infinitum*, numa cadeia de series temporais que não tem fim. Isto pensando retrospectivamente, ou seja, de modo recursivo, estabelecida a serie por retenções primárias, secundárias e assim sucessivamente num grau ascendente na escala temporal de *viventes* temporais fantasmais. Da passagem do instante de A para B, deve-se ter em mente que há tanto a retenção de X, o objeto, que se sucede em A, quanto a retenção de A que se sucede em B. A lógica de passagem de instantes para instantes não é tão clara justamente porque não estamos acostumados, enquanto seres vivos, a observar, refletir e absorver tanto a sucessão quanto a retenção dos momentos por eles serem tão efêmeros e sucintos. A lógica destes instantes se passa despercebida porque acreditamos ilusoriamente que os instantes entre si estão coligados, entremeados, tão juntos que uma observação sem análise reflexiva não daria conta de absorver estes “vivos” temporais.

Diante desta minuciosa análise sobre a sucessão e retenção de instantes, Minkowski (2011 [1933], p. 96) tem algo a dizer semelhante, quando diz que: “não há o agora que existe, enquanto que o que não é agora, não existe; o agora assim, enquanto parte de um todo, não deixa subsistir ao lado dele nenhuma outra parte equivalente e que se substitui pelo todo”. O todo não pode substituir a completude de nada. O mesmo se poderia dizer do agora: o agora não é um momento que você diz “agora vou fazer isto” e que para no tempo como se fosse algo completo, universal e indivisível. No “agora vou fazer isto” mesclam-se o agora do instante propriamente dito, o agora da sucessão do próprio agora que “vou fazer isto” que é a sucessão anterior do agora propriamente dito, o agora posterior à “vou fazer isto” e,



antes de todos estes agoras, o ponto originário verdadeiramente provisório claro que é o agora anterior ao “agora vou fazer isto”, ou seja, o agora do qual eu pensei exatamente ou me veio em minha mente em forma de “presente efêmero” sobre o ato ou ação de “agora vou fazer isto”. Neste momento, é como se o sujeito consciente que pensa um pensamento deste tivesse a certeza de que agora, exatamente agora vou fazer isto, como se previamente ele não teria feito isto antes que agora ele irá fazer ou que alguma lembrança latente nele pudesse recordar que agora seria o momento propício a fazer isto que agora ele irá fazer. Tudo isto para demonstrar, junto com Minkowski, que o “agora vou fazer isto” jamais pressupõe um agora estático, muito embora a linguagem demonstrativa com o uso de “isto” provoque uma certa estabilização da síntese temporal ou, se preferir, da posterior sucessão. Porém, não cabe a nós exprimir o papel da linguagem demonstrativa em relação ao tempo neste ensaio, fugiria de nossos propósitos.

Vemos, deste modo, como o tempo vivido vai de abstração à abstração, completa-se uma síntese temporal e já se tem outra ou sucede-se uma e já há previamente uma outra que fez esta se suceder. Com o intuito de finalizar esta pequena explanação e sintetizando-a, eu diria com Minkowski (2011 [1933], p. 97) que “o presente, ao opor-se ao não-presente, se situa sobre o mesmo nível que ele. O que é agora existe e o que não é agora não existe”. Complementando-se este pensamento, eu diria: o-que-é-agora-existe-já por conta do agora-que-passou enquanto que o-que-não-é-agora-não-existe porque o-agora-que-vem já se sucedeu. Estas sínteses temporais se prolongarão *ad infinitum* com os fantasmas recuando-se e sucedendo-se. Em suma, o tempo vivido é pura retenção ou, melhor dizendo, infinitas consequentes retenções. Uma sucessão não é sucessão sem retenções. Por conta destas retenções, o tempo vivido por nós seria mesmo um grande fantasma que não cessa jamais de acontecer!

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio da relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

HUSSERL, E. “Investigações fundamentais sobre a origem fenomenológica da espacialidade da natureza”. **Revista Filosófica São Boa Ventura**, vol. 10, n. 2, 2016.

HUSSERL, E. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

MINKOWSKI, E. “O tempo vivido”. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol. 27, n. 1, 2011.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 8 | Nº 24 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima